



GRUPO ONLINE DE MÃES UNIVERSITÁRIAS: AÇÕES EM SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO PANDÊMICO

GRUPO ONLINE DE MADRES UNIVERSITARIAS: ACCIONES EN SALUD MENTAL EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA

ONLINE GROUP OF UNIVERSITY MOTHERS: ACTIONS IN MENTAL HEALTH IN THE PANDEMIC CONTEXT

Ferreira, Marcella Sandim C. Greco¹

Borges, Lilian Maria²

Resumo

Como prática de enfrentamento e resistência das adversidades maternas no cenário pandêmico da Covid-19, foi organizado um grupo de escuta qualificada em parceria com o projeto de extensão da UFRJ “*Mães na Universidade: acesso, permanência e progressão*”, o “*Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade*” e o “*Grupo de Trabalho Parentalidades em Diálogos*”. Este artigo se trata de um relato de experiência que objetiva apresentar esse grupo online realizado com mulheres-mães universitárias tendo por base a escuta qualificada e a ênfase em saúde mental e qualidade de vida. A atividade foi organizada em sete encontros abertos, em grupo de até 10 mulheres-mães universitárias, na modalidade on-line, com a duração aproximada de duas horas cada encontro. Ressalta-se a importância desta estratégia de acolhimento e apoio no cotidiano de mulheres-mães em contextos diversos, incluindo as universidades.

Palavras-chave: Mães; Universidade; Escuta qualificada; Relato de experiência.

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – (UFRRJ), Seropédica – Rio de Janeiro – Brasil. Mestranda no PPGPSI. E-mail: psicologiamaterna@ufrj.br

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – (UFRRJ), Seropédica – Rio de Janeiro – Brasil. Professora Adjunto do DEPSI e do PPGPSI. E-mail: lborgesufrj@gmail.com



Resumen

Como práctica de enfrentamiento y resistencia a las adversidades maternas en el cenário pandémico de Covid-19, se organizó un grupo de escucha calificada en parceria con el proyecto de extensión de la UFRJ "Mujeres en la Universidad: acceso, permanencia y progreso", el "Núcleo Virtual de Investigación en Género y Maternidad" y el "Grupo de Trabajo Parentalidades en Diálogos". Este artículo es un informe de experiencia que pretende presentar este grupo online realizado con madres universitarias basado en la escucha cualificada y el énfasis en la salud mental y la calidad de vida. La actividad se organizó en siete encuentros abiertos, en grupos de hasta 10 mujeres universitarias, en modalidad on-line, con una duración aproximada de dos horas cada encuentro. Se destaca la importancia de esta estrategia de acogida y apoyo en la vida cotidiana de las mujeres-madres en diferentes contextos, incluido el universitario.

Palabras-Clave: Madres; Universidad; Escucha Cualificada; Informe de experiencia.

Abstract

As a practice of confrontation and resistance to maternal adversities in the pandemic scenario of Covid-19, a qualified listening group was organized in partnership with the UFRJ extension project "Mothers at the University: access, permanence and progression", the "Virtual Nucleus for Research on Gender and Maternity" and the "Working Group Parentalities in Dialogues". This article is an experience report that aims to present this online group carried out with university mothers based on qualified listening and emphasis on mental health and quality of life. The activity was organized in seven open meetings, in an online group of up to 10 college mothers, each meeting lasting approximately two hours. The importance of this strategy of welcoming and support in the daily lives of women-mothers in diverse contexts, including universities, is emphasized.

Keywords: Mothers; University; Qualified Listening; Experience report.

1. Introdução

Múltiplos fatores influenciam a vida de discentes mães - de graduação e pós-graduação - e as colocam em uma posição de vulnerabilidade, tais como “a falta de redes de apoio, a conciliação da maternidade com o trabalho e a universidade e a falta de assistência institucional” (Corrêa et al., 2021, p.4). Por

consequente, faz-se necessária a criação de políticas que promovam espaços de acesso, permanência, inclusão e progressão, de modo que essas mulheres possam ter suas carreiras asseguradas, ao mesmo tempo em que as pautas maternas sejam incluídas e legitimadas, como tem ocorrido em



diversos coletivos materno-universitários pelo país.

Nesse contexto, a partir da flexibilização permitida pelo acesso à internet e uso de plataformas de videoconferência, um grupo de escuta qualificada foi idealizado e desenvolvido pela primeira autora desse artigo. O interesse e a mobilização ocorreram a partir da observação da angústia de mulheres-mães discentes frente aos desafios decorrentes da pandemia da Covid-19 e pela ausência de políticas internas voltadas a elas nas instituições de ensino superior. As narrativas ouvidas dessas estudantes, em encontros informais, evidenciavam suas necessidades de acolhimento e apoio, potencializadas pelo contexto pandêmico. Essa realidade fomentou interesses das discentes e da proponente para a organização de um espaço grupal de escuta qualificada.

A escuta qualificada envolve relações que são construídas a partir de diálogos, processos vinculativos e acolhimento, com valorização das experiências compartilhadas. Trata-se de

um instrumento útil para o desenvolvimento da autonomia e conscientização sobre aspectos distintos que configuram o dia a dia. Favorece a expressão do sofrimento e das dúvidas, a manifestação de afetos e a resolutividade de distintas demandas (Barros & Botazzo, 2011; Mielke & Olshowsky, 2011). Sobre esse modo de escuta, Sanches e Silva (2019, p.18) consideram:

A (po)ética de escutar se aproximando da descontinuidade requer que se abandone paradigmas de trabalho que visam o controle sobre a alteridade e diferença, representados pelas práticas de exame. Escuta que se aproxima dos limites da linguagem, naquilo que as palavras falham para expressar, em suma, uma escuta que se atenta à valorização do mundo.

O Objetivo deste artigo é, portanto, apresentar o relato de experiência de um grupo online realizado com mulheres-mães universitárias tendo por base a escuta qualificada e a ênfase em saúde mental e qualidade de vida.

2. Revisão teórica

O patriarcado, com base na moralidade e em valores tradicionalistas, regula os corpos de mulheres ao longo dos séculos frente a um contexto de dominação e subordinação ancorado nos poderes econômicos e políticos da sociedade. Nesse percurso histórico, o papel materno não era considerado uma responsabilidade comum às genitoras até o século XV. A partir do século XVIII, com as modificações nas organizações familiares e a importância que passa a ser conferida ao desenvolvimento das crianças, é engendrado um discurso higienista, voltado para a redução dos óbitos infantis. Ao corpo feminino são atribuídas condições biológicas e

justificativas filosóficas para manter a prole viva e em segurança. Compreensões médicas passam a defender a biologia da mulher como uma estrutura criada naturalmente para servir às necessidades do bebê. O ser mãe, nessa perspectiva, associa-se ao cuidado exclusivo que o corpo feminino oferece, o que reforça a visão do amor materno como um instinto e colaborar para manter a mulher-mãe reclusa na vida privada (Badinter, 1985; Carvalho & Lima, 2019; Soares & Carvalho, 2003).

Nesse contexto de intensas transformações sociais, o poder do patriarcado e do capitalismo atuou como engrenagem de captura da mulher-mãe no



decorrer dos anos, de modo a impor a estas uma condição de invisibilidade e/ou de exclusão na sociedade (Martins, 2021). Buscando uma compreensão sócio-histórica dos papéis maternos na realidade brasileira, a autora descreve que, no período da colonização, as mulheres no país eram educadas para amarem os homens incondicionalmente, casarem e, como uma consequência natural do matrimônio, gerarem filhos, de modo a provarem a virilidade masculina e a honestidade feminina. Nesse lugar histórico, ressalta a importância de considerarmos que os escritos sobre a maternidade feliz, da mulher que se realizava com a família, representava um discurso conduzido por homens de elite. Destaca ainda o fato das mulheres negras não serem consideradas quanto a realização da maternidade e da família, já que seus corpos só aparecem quando o discurso em pauta se volta para o prazer de seus senhores.

Contudo, no século XIX, surgem os movimentos feministas na Inglaterra, impulsionados pela Revolução Industrial e, conseqüente, expansão da sociedade capitalista, avanço tecnológico e transformações familiares. Nesse cenário da sociedade moderna, muitas mulheres, de cuidadoras e educadoras exclusivas de seus filhos, passam a assumir novas atribuições. Tornam-se responsáveis pelo direcionamento e gerenciamento da casa, com contribuições econômicas em suas famílias e na sociedade mais ampla (Carvalho, & Lima, 2019; Lemes, 2018).

Entretanto, como lembra Badinter (1985), os tratados filosóficos e culturais que fomentam a naturalização da feminilização do cuidado e a imagem instintiva do amor materno sobreviveram, alcançando a modernidade e os séculos seguintes. As mulheres continuaram a ser vistas como as principais, senão únicas, responsáveis pela criação e educação dos seus filhos, embora, cada dia mais, tais concepções contrastem com as

responsabilidades de novos papéis sociais que, progressivamente, são assumidos por elas. É sobretudo no século XXI que as práticas discursivas - a partir do conceito de maternagem como campo de construção de narrativas - favorecem às mulheres começarem a romper com padrões sexistas e hegemônicos, por vezes pautados em uma compreensão cultural e biológica que oprimem seus papéis e suas vidas (Carvalho & Lima, 2019; Lemes, 2018).

Moreira e Nardi (2010) apresentam o papel profissional e o papel parental como campos mutuamente implicados, destacando a necessidade de conciliação entre maternidade e trabalho por mulheres inseridas em distintos contextos. Compreender essa conciliação como um problema promove repercussões distintas, como a responsabilização das mulheres pelo exercício de seus múltiplos papéis, o que favorece a ideia de inadequação e de exclusividade dos cuidados parentais à mulher-mãe.

Sobre as exigências do papel materno e sua relação sintomática com a depressão pós-parto, Azevedo e Arrais (2006, 275.) afirmam: “*Espera-se que as mães sejam sempre ternas, acolhedoras, férteis e disponíveis, em contrapartida, elas não deverão demonstrar sentimentos de tristeza, afinal, tudo isso está ligado ao milagre da vida que presume um instinto materno, uma predisposição inata para o sacrifício*”. Nesse sentido, ao analisarem as causas da depressão pós-parto, as autoras chamam a atenção para as pressões culturais da maternidade associadas ao sentimento de incapacidade e às manifestações de choque e desapontamento que vivenciam muitas mulheres em suas tentativas de se adequarem a um papel materno romantizado.

A sobrecarga e a exaustão de mães nos cuidados exclusivos aos filhos são enfatizadas por autores como Bahm et al. (2016). Para estes, as questões afetivas,



legais e morais influenciam as práticas de cuidados e bem-estar maternos, diminuindo a qualidade de vida. Por exemplo, as mães tendem a não atender suas necessidades

pessoais em contexto de internação dos filhos.

3. Método

Este artigo trata-se de um relato de experiência de um trabalho grupal realizado por sua primeira autora, com o apoio do projeto de extensão “Mães na Universidade: acesso, permanência e progressão”, “Núcleo de Estudos em Gênero e Maternidade” e “Grupo de Trabalho Parentalidades em Diálogos”, projetos que integra como membra. O convite para participação na atividade foi divulgado através dos perfis do *Instagram* dos apoiadores e da proponente, bem como mediante seu compartilhamento via grupos de *WhatsApp* dos coletivos de mães universitárias regionais e nacional. Considerando a necessidade de pertencimento e flexibilização das ações, o grupo funcionou de modo aberto, sendo possível a mulher-mãe entrar e sair do processo grupal no momento que desejasse.

O grupo de escuta qualificada ocorreu entre maio e novembro de 2021

3.1. Resultado

Os encontros online do grupo de escuta qualificada para mães universitárias aconteceram majoritariamente às sextas-feiras, a partir das 20 horas, sendo que, em ocasiões específicas, o dia e horário eram reajustados de acordo com a disponibilidade e interesse das participantes.

Foram totalizados sete encontros. Nesses encontros, estiveram presentes 45 mulheres-mães, as mesmas foram estimuladas a refletir e discutir sobre diferentes temáticas geradoras, tais como a função do papel materno, seus desejos de

mediante encontros mensais, com duração entre 90 e 120 minutos. Participaram mulheres com idades distintas, gestantes, recém-mães e mães experientes. Considerando os distintos locais de residência das mulheres interessadas em participar e diante da necessidade de isolamento social e cuidados para evitar riscos de transmissão da Covid-19, os encontros ocorreram virtualmente, através da plataforma *Google Meet*, o que possibilitou maior alcance das ações envolvidas.

vida, os desafios de ser mãe em contexto universitário, a violência doméstica, as maternidades abusivas, os cuidados específicos de maternagem no contexto de desenvolvimento atípico e a “maternidade solo”. Essas temáticas foram abordadas de modo que cada mulher se sentisse confortável para compartilhar suas percepções e/ou experiências sobre aspectos centrais de sua história de vida e de seu cotidiano. Alguns recursos foram utilizados para promover espaços de relaxamento e restauração após narrativas e



encontros desafiadores, incluindo músicas, poesias, vídeos e respiração guiada.

O processo grupal com enfoque na promoção da saúde mental, conforme relato das mulheres participantes, promoveu aprendizados distintos àquelas que participaram de forma regular, incluindo fortalecimento ou aquisição de práticas de autocuidado, ampliação de apoio

emocional e formação de vínculos entre pares. Para a proponente do trabalho, possibilitou maior conhecimento das práticas grupais e aprofundamento no estudo dos contextos maternos em suas relações com a vivência acadêmica.

4. Análise de dados

Os impactos do lugar social da maternidade diante da ambivalência entre os desejos e necessidades pessoais e o atendimento a rígidos padrões sociais evidenciaram desamparo, desmotivação e desesperança entre as participantes. Desse modo, a inserção em um grupo de escuta qualificada direcionado a mães universitárias possibilitou a estas um maior conhecimento, reflexão e manejo de suas vivências e aspectos emocionais. A escuta qualificada favorece diálogos e reflexões capazes de auxiliar a identificação de fatores de vulnerabilidade para sofrimento psíquico e desafios relativos aos aspectos parentais (Calmon et al., 2022). Alguns dos benefícios da escuta qualificada apontadas por Maynard et al. (2014, p.304) referem-se: “a resolução de problemas, disponibilidade, compreensão, confiança, respeito”.

Dificuldades econômicas e de moradia, conflitos em relacionamentos amorosos e familiares foram potencializados pela pandemia. Nesse cenário, para as mães participantes as exigências acadêmicas foram intensificadas e ganharam um peso maior, uma vez que atividades de diferentes naturezas e finalidades (anteriormente realizadas em múltiplos espaços sociais) passaram a acontecer dentro das suas casas, o que gerou a necessidade de realizarem “um malabarismo diário”, acarretando sobrecarga e exaustão. Nesse sentido, Silva et al. (2020) apontam que “o país levará

alguns anos para se recuperar do impacto da pandemia de Covid-19, mas para as mulheres este tempo será ainda maior”, haja vista os danos relacionados aos esforços de conciliação de tantas práticas distintas em meio a inúmeros estressores.

Nesse cenário pandêmico, o grupo promoveu um ambiente de acolhimento e uma rede de apoio social, configurando-se como um espaço positivo para atendimento a necessidades de mulheres-mães universitárias. Para Rapoport e Piccinini (2006), as redes de apoio social são benéficas para a responsividade materna, sobretudo em contextos estressantes, trazendo benefícios a curto e longo prazo para as mães, seus filhos e os próprios pares. Cada mulher-mãe apresenta suas necessidades, em momentos distintos, que podem ser uma orientação, palavras de carinho e o simples fato de saber que tem pessoas com quem pode contar. Tudo isso mostra um potencial impacto positivo.

Os caminhos de interação traçados possibilitaram espaços pra diferentes formas de expressão e compreensão no grupo, favorecendo a coesão entre suas participantes. A interseccionalidade, as identidades e subjetividades foram respeitadas e consideradas. Quando assuntos com potencial estressor eram mencionados por uma mãe, o movimento de acolhimento do grupo ocorria de forma fluida, afetuosa e responsável.



Por fim, para além de práticas pontuais, destaca-se a necessidade de políticas de apoio à maternidade como práticas efetivas para manutenção e suporte da parentalidade no espaço universitário e progressão acadêmica, conforme defendido por Oliveira et al. (2021). Os autores apontam a necessidade de mobilizações

direcionadas à equidade de gênero e racial como ocupação dos espaços de decisão, o combate ao assédio e a promoção de eventos que possam atuar como sensibilizadores da comunidade.

5. Considerações finais

O grupo de escuta qualificada aqui relatado mostrou resultados positivos junto às mulheres-mães universitárias que integraram os encontros grupais, atuando como promotor ou protetor de saúde mental, sobretudo em um contexto permeado por estressores relacionados à crise sanitária vivenciada no período. A partir deste movimento inicial, outras ações estão sendo promovidas pela autora em parceria com o curso de extensão “*Saúde Mental Materna – SAUMMA*”, no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), capacitando graduandos, pós-graduandos e profissionais para o aprofundamento da escuta qualificada. Ressalta-se ainda a realização do estágio em psicologia da saúde, com ênfase no Pré-Natal Psicológico em grupo, que tem possibilitado a articulação entre teoria e prática aos graduandos do curso de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), fomentando ações efetivas para melhor assistência ao público materno no ciclo gravídico-puerperal. Nesse contexto, também foi realizado o curso de extensão “*Estudos iniciais sobre Saúde Mental Materna: análise crítica e integrativa*”, pela UFRRJ, que introduziu a temática dos aspectos biopsicosocioculturais e interseccionais aos cursistas (discentes, docentes e profissionais da área da saúde) com vistas a

promoção de uma assistência respeitosa às mulheres-mães e seus filhos.

Vale ressaltar que a ruptura da imagem da psicologia como prática elitista requer a revogação desta como uma ciência que prestigia apenas uma classe minoritária, que vivencia contextos sociais bem distintos da maior parte da população brasileira. É legítimo que toda a ação é política e a psicologia deve favorecer uma sociedade mais democrática (Conselho Federal de Psicologia, CRP/SP, 2007). Nesse sentido, experiências como as aqui descritas permitem um maior alcance de pessoas em diferentes contextos de vulnerabilidade.

Como ajuste e adequação do trabalho para oferta de grupos futuros, percebe-se a necessidade de contar com a colaboração de outra profissional de psicologia para que a mediação dos encontros ocorra em parceria e possibilite maior apoio diante de necessidades pontuais. Faz-se necessário ainda a contribuição de profissionais de outras áreas de assistência e cuidado, com preparo na escuta qualificada e mediação de grupos, para mobilizar demais espaços, expandindo o trabalho para outros contextos sociais que sejam ocupados por mães e permeados pela parentalidade.

Referência

Azevedo, K.; Arrais, A. R. (2006). O mito da mãe exclusiva e seu impacto na

depressão pós-parto. *Rev. Psicologia Reflexão e Crítica* v. 19, n.2, pp. 269-276.



- Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200013>. Acesso em: 20/11/2021.
- Badinter, E. (1985) *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Nova Fronteira.
- Bahm, S. Q.; Saeed, F.; Shah, M. A. K. (2016) Attitude and Practice of mothers on acute respiratory infection in children under five Years. *Pak J Med Sci.* Disponível em: <https://doi.org/10.12669/pjms.326.10788> >. Acesso em: 14/06/2021.
- Barros, R. S.; Botazzo, C. (2011) Subjetividade e clínica na atenção básica: narrativas, histórias de vida e realidade social. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 16, n. 11 pp. 4337-4348. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001200006>>. Acesso em: 15/06/2021.
- Calmon, L. S.; Côrrea, M. S.; Reznik, G. Ferreira, M. S. C. G; Delmestre K. M.; Ferreira, S. (2022). Maternidade e Universidade: a experiência de um projeto de extensão focado no acesso, na permanência e na progressão de mulheres-mães. v. 27, n. 1 *Rev: expressa extensão*. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/21773> >. Acesso em: 15/06/2022.
- Carvalho, P. V., & Lima, V. H. B. (2019). Função Materna: Desejo ou imposição social. *Cadernos de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/viewFile/2501/1634>> Acesso em: 14/01/2021.
- Conselho Federal de Psicologia. (2007). Psicologia e Preconceito Racial. *Cadernos Temáticos CRP SP*, São Paulo. Disponível em: <https://www.crp.org/uploads/impresso/79/f9bmzdudymbDYzizZEOnFi8LV69oOLmSM.pdf>> Acesso em: 15/06/2021.
- Côrrea, M. S.; Calmon, L. S.; Reznik, G.; Ferreira, M. S. C. G.; Delmestre, K. M.; Baptista, S. F. (2021). Maternidade e Ensino Superior: A Extensão universitária como Ferramenta para a promoção da equidade de gênero nas universidades. *III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência*, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021. Disponível em: <https://eventos.congresso.me/iiisbmc-pis/resumos/21708.pdf>> Acesso em: 16/01/2022.
- Lemes, L. B. (2018) *Novas práticas de maternagem e feminismo das mulheres da plataforma Cientista Que Virou Mãe*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC]. Florianópolis/ Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193786/PHST0629-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24/11/2021.
- Martins, A. C. (2021). *Gravidez na Adolescência: entre fatos e estereótipos*. Fiocruz. Rio de Janeiro.
- Maynard, W. H. C.; Albuquerque, M. C. S; Brêda, M. Z.; Jorge, J. S. (2014). A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial. *Acta Paulista de Enfermagem*. v. 27, n. 4 pp. 300-304. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400051>> Acesso em: 16/06/2021.
- Mielke, F. B.; Olshovsky, A. (2011). Actions of mental health in family health strategy and the health technologies. *Rev Esc Anna Nery*. Disponível em http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452011000400015&script=sci_abstract > Acesso em: 14/06/2021.
- Moreira, L. E.; Nardi, H. C. (2010). “Vida de equilibrista”? Modos de ser Mãe e Trabalhadora: Trajetórias de Mulheres em Diferentes Contextos Sociais. *Revista Interamericana de*



Psicología/Interamerican Journal of Psychology, vol. 44, n. 1 pp. 187-19. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420640020>> Acesso em: 10/01/2021.

Oliveira, A. L.; Pessoa, B.; Alves, C. S.; Petine, E.; Paiva, F. V.; Prado, G. D.; Souza, J. B.; Sobral, J.; Cordeiro, M.; Ferreira, M. S. C. G.; Guedes, Moema; Maciel, N. S. R.; Silva, I. T. (2021). Parentalidade, Trabalho e Cuidados: a construção do Grupo de Trabalho na UFRRJ. *III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência*, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021. Disponível em: <<https://cdn.congresse.me/ufsrart5r021rpb0bkntev4w8u2>> Acesso em: 16/01/2022.

Rapoport, A.; Piccinini, C. A. (2006) Apoio social e experiência da maternidade. *Journal os Human Growth and Development*. v. 16 n.1. pp. 85-96 Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v16n1/09.pdf>> Acesso em: 15/06/2021.

Sanches, N. Silva. R. B. (2019). A escuta qualificada na assistência social: Da

postura diagnóstica às formas (po)éticas de escutar. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol. 19, núm. 3, Universidade do Estado do Rio De Janeiro. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/journal/4518/451862313004/451862313004.pdf>> Acesso em: 15/06/2021.

Silva, J. M. S.; Cardoso, V. C.; Abreu, K. E.; Silva, L. S. (2020). A Feminilização do cuidado e a Sobrecarga da Mulher-mãe na Pandemia. *Rev. Feminismos*. Vol.8, N.3. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>> Acesso em: 15/06/ 2021.

Soares, J. S.; Carvalho, A. M. (2003). Mulher e mãe “Novos Papéis”, Velhas Exigências: Experiência de Psicoterapia Breve Grupal. *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. esp., p. 39-44. Maringá. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/4QTgF5GP7hJsJMBbWc9ZNPg/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 14/11/2021.

Recebido em: 06 de mar. de 2022

Aceito em: 16 de maio de 2022

Nome: Marcella Sandim C. Greco Ferreira

Email: psicologiamaterna@ufrj.br

Endereço para correspondência: Rua Aroaqui, 175 bl2 cs 103 Campo Grande, Rio de Janeiro, RJ, CEP 23045610



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)